

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E TRADUÇÃO  
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS – MSI**

**LUCAS KÜSTER DE PAULA CARVALHO**

**COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL - UMA PROPOSTA PARA O  
BACHARELADO EM LEA-MSI**

**BRASILIA/DF  
2016**

**LUCAS KÜSTER DE PAULA CARVALHO**

**COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL - UMA PROPOSTA PARA O  
BACHARELADO EM LEA-MSI**

Trabalho Monográfico apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Fernanda Alencar Pereira

**BRASILIA/DF  
2016**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo desses cinco anos o processo da graduação nem sempre se mostrou fácil, muitas vezes difícil e nebuloso, porém não seria possível sem o apoio incondicional dos meus pais e meu irmão que durante todo esse período me deram amor e carinho em tempo integral para que eu conduzisse com firmeza meu caminho acadêmico. Durante essa jornada diversas pessoas passaram, outras partiram e ficaram, mas todas de certa forma me tocaram e me modificaram, portanto agradeço a elas também. Ao corpo docente do curso que por todo esse tempo, apesar dos percalços que a universidade possa ter, não deixou de se dedicar ao máximo para a transmissão de seu conhecimento, principalmente por não desistirem de um curso que tem tanto a florir. Aos amigos que do meu lado permaneceram, um eterno obrigado por terem segurado em minha mão quando precisei; por terem muitas vezes me mostrado o caminho correto a seguir; por terem me mostrado que devemos confiar em nós mesmos e por me darem certeza que apesar dessa etapa ter terminado nossa jornada está apenas começando.

## RESUMO

O presente trabalho é uma proposta que visa mostrar a relevância que os estudos da Comunicação Intercultural teriam dentro do bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), da Universidade de Brasília. Para que o leitor possa compreender melhor a Comunicação Intercultural, inicialmente é abordada a definição e origem da palavra cultura passando pela França, Alemanha e Inglaterra; e também são descritas seis teorias culturais. Além do mais são apresentadas teorias da comunicação, assim como os tipos de comunicação existentes, uma vez sendo importante o entendimento do que é comunicação entre culturas. O currículo atual do bacharelado em LEA-MSI então é abordado para que seja compreendido de que maneira ele está sendo dividido e conduzido, podendo assim salientar as razões de inserir os estudos de Comunicação Intercultural dentro do bacharelado, indicando os possíveis benefícios para os estudantes e graduados, uma vez que a graduação intenta formar pessoas capazes de se comunicar em duas ou mais línguas e lidando com diversas situações multiculturais.

**Palavras-chave:** comunicação intercultural, comunicação, línguas estrangeiras aplicadas, multilinguismo, cultura

## ABSTRACT

The present work is a proposal to show the relevance that the study of Intercultural Communication would have within the bachelor's degree program in Applied Foreign Languages to Multilingualism and the Information Society (LEA-MSI) at the University of Brasilia. With the intention to make the reader better understand about the Intercultural Communication program, it is initially broached the definition and origin of the word culture through France, Germany and England; six cultural theories are also described. Moreover, communication theories are presented, as well as the types of communication; since it is important to understand the communication between cultures. The current curriculum for the bachelor's degree in LEA-MSI is studied to help understand how it is being divided and driven, thus being able to point out the reasons for inserting the study of Intercultural Communication within this bachelor's degree. This indicates the possible benefits for students and graduates since the degree intends to excel people able to communicate in two or more languages, as well as deal with various multicultural situations.

**Keywords:** intercultural communication, communication, applied foreign languages, multilingualism, culture

# Sumário

1	INTRODUÇÃO .....	7
2	CULTURA .....	10
2.1	BREVE HISTÓRICO DA PALAVRA <i>CULTURA</i> .....	11
2.2	TEORIAS CULTURAIS SEGUNDO ALESSANDRO DURANTI.....	14
2.2.1	Cultura distinta da natureza .....	15
2.2.2	Cultura como conhecimento .....	16
2.2.3	Cultura como comunicação.....	18
2.2.4	Cultura como um sistema de mediação .....	19
2.2.5	Cultura como um sistema de práticas .....	20
2.2.6	Cultura como um Sistema de participação.....	21
3	COMUNICAÇÃO .....	23
3.1	Comunicação verbal e não-verbal .....	24
3.2	Comunicação oral e escrita .....	24
3.3	Comunicação formal e informal.....	25
3.4	Comunicação intencional e não-intencional .....	25
3.5	Recomendações para a efetividade da Comunicação Humana por Penteadó (1964) ...	25
4	COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL .....	27
4.1	O surgimento da comunicação intercultural .....	27
4.2	Competências de um comunicador intercultural .....	29
4.2.1-	Força de Personalidade .....	29
4.2.2-	Habilidade Comunicativa .....	29
4.2.3-	Ajustamento Psicológico .....	30
4.2.4-	Consciência Cultural.....	30
4.3	Barreiras enfrentadas por um comunicador intercultural .....	30
4.3.1-	Ansiedade .....	31
4.3.2-	Presumindo similaridade ao invés da diferença.....	31
4.3.3-	Etnocentrismo .....	31
4.3.4-	Estereótipos e preconceitos.....	31
4.3.5-	Má interpretação da comunicação não verbal .....	32
4.3.6-	Língua .....	32
5	O Curso Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação .....	33
5.1	Currículo acadêmico da graduação de LEA-MSI .....	35

5.2 Comunicação Intercultural dentro do currículo acadêmico do LEA-MSI. ....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

## 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia abrange a relevância e potencialidades do estudo da Comunicação Intercultural dentro do bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação. Portanto o trabalho é dividido em capítulos que abordarão, em cada um, a cultura, a comunicação, a comunicação intercultural e o curso de LEA-MSI, e por fim as considerações finais onde será feita uma proposta de inserção da matéria Comunicação Intercultural dentro da graduação.

Desta forma, para que fosse possível a compreensão da comunicação intercultural, inicialmente, o conceito de cultura é abordado por meio das obras: *A noção de cultura nas ciências sociais*, de Denys Cuhe (1999); *Dicionário de Conceitos Históricos*, de Silva e Silva (2009); e *Linguistic Anthropology*, de Alessandro Duranti (1997). Apresentando a transformação que o termo cultura sofreu através dos séculos, inicialmente na França com seu sentido de cultivo de gado e da terra, passando por pensadores da época e se modificando na Alemanha e na Inglaterra até chegar próximo ao nosso entendimento atual de cultura, utilizando assim Silva e Silva (2009) para defini-lo. Não obstante, a compreensão da cultura por ser muito ampla, passando por diversos campos das ciências, é utilizado nesse trabalho a obra de Alessandro Duranti (1997), no qual, apresenta seis teorias culturais - *Culture as distinct from nature*; *Culture as socially distributed knowledge*; *Culture as communication*; *Culture as a system of mediation*; *Culture as system of practices*; *Culture as a system of participation*.

Adiante utiliza-se o livro *Communication*, de Larry L. Barker (1987), como base para delinear o conceito de comunicação, assim como para apresentar os tipos de comunicação que existem, pois esta vai além da comunicação verbal apenas, segundo ele a comunicação é um processo atemporal em que seu reflexo atinge e se perpetua para as ações seguintes à comunicação. A obra *A técnica da comunicação humana*, de Penteado (1964) também é utilizada para compreender melhor a definição de comunicação, abordando o processo de percepção da mensagem pelo receptor, que segundo Penteado (1964), possui filtros culturais e pessoais que auxiliam na interpretação.

Assim, após delimitar cultura e comunicação, é apresentado o estudo *Intercultural Communication Competence* de Guo-Ming Chen (2014), que afirma que a situação econômica geral e o desenvolvimento da tecnologia de transporte e comunicação impulsionam a interação entre pessoas, que por sua vez motivam o desenvolvimento do multiculturalismo. Dessa forma é abordado um breve histórico da comunicação intercultural por Fred E. Jandt (2002), apresentando seu início nos anos 40, com o *Foreign Service Institute*, nos Estados Unidos da América, como forma de passar treinamento tanto antropológico quanto linguístico para diplomatas estrangeiros. Porém, um dos pioneiros dos estudos da comunicação intercultural foi Edward T. Hall em sua obra *The Silent Language* (1959). Posteriormente, são apresentadas as competências e as barreiras enfrentadas por um comunicador intercultural, segundo Jandt (2002). E assim, é compreendido que cabe ao comunicador intercultural ser capaz de auxiliar tanto na transmissão, como no entendimento da mensagem pelo receptor, enfrentando todas as barreiras da comunicação intercultural, posteriormente apresentadas.

O estudo do conceito de cultura e comunicação, e de comunicação como ferramenta ligada à cultura, é de extrema importância para a compreensão da Comunicação Intercultural no presente cenário global. O bacharelado em LEA-MSI propõe a formação de um profissional em pelo menos duas línguas estrangeiras obrigatórias, capaz de usá-las em ambientes multiculturais de maneira efetiva, assim como aplicá-las às habilidades propostas como: o estudo da terminologia, a tradução audiovisual e a organização de eventos. Além disso, o curso foca nas línguas como instrumentos de comunicabilidade e na maneira em que podem ser utilizadas em campos como a terminologia, comunicação e audiovisual, tornando o profissional em um mediador entre culturas e línguas distintas. Desta forma, oferece disciplinas que têm a intenção de aproximar o estudante da cultura da língua conhecida, como as disciplinas de Expressão Escrita e Oral, também as disciplinas de Cultura Britânica, Norte-Americana e Francesa.

O curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, e o estudo da Comunicação Intercultural, objetivo principal desse trabalho, visam o desenvolvimento do multiculturalismo e do multilinguismo, buscando formar profissionais capazes de lidar com uma variedade de línguas, aplicando-as em diversos campos da sociedade.

Cabe destacar que a compreensão e o aprofundamento a respeito das interseções entre cultura, comunicação e língua poderão ser de grande valia na



atuação do futuro profissional graduado em LEA-MSI, uma vez que este transitará em ambientes pluriculturais. No entanto, nem sempre estes profissionais estarão inseridos em ambientes onde sujeitos de culturas já estudadas estarão presentes, portanto cabe destacar que as habilidades propostas por um comunicador intercultural são de grande importância para a formação de um profissional mais flexível a diversos ambientes. Assim, um comunicador intercultural pode ter bons resultados quando possui habilidades que facilitam o contato e assim obtém resultados bem-sucedidos em relação à compreensão no processo da comunicação.

Além da formação proporcionada pelo LEA-MSI, a experiência de intercâmbio realizada na Universidade de La Rochelle, especificamente na disciplina Intercultural Communication and Studies, em que conceitos de língua, cultura, racismo, etnia, hierarquia entre outros foram tratados, instigaram o meu interesse na reflexão acerca da importância da Comunicação Intercultural para o curso do LEA da UnB.

Ao revisar conceitos vistos durante o intercâmbio realizado na Universidade La Rochelle, surgiu o questionamento da pertinência da Comunicação Intercultural dentro do currículo acadêmico do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, pela UnB, principalmente levando em conta que o curso trata de multilinguismo, línguas minoritárias e inclusão. Acreditando que o estudo de comunicação intercultural esteja em falta dentro da graduação, trago o problema deste trabalho: Quais as razões que um bacharel em LEA-MSI deveria também apreender conteúdos relativos às habilidades de um Comunicador Intercultural? LEA-MSI deveria também apreender conteúdos relativos às habilidades de um Comunicador Intercultural?

Desse modo, a intenção desta monografia é, primeiramente, compreender as noções de cultura, comunicação e comunicação intercultural, para posteriormente analisar a contribuição possível da Comunicação Intercultural no currículo do LEA-MSI. Assim, pretende-se conceituar o que é Comunicação Intercultural; identificar as relações entre cultura, comunicação e língua; apresentar a proposta acadêmica da graduação de Línguas Estrangeiras Aplicadas; apontar as relações entre o estudo de Comunicação Intercultural e o de LEA-MSI; determinar quais conteúdos relativos às habilidades de um Comunicador Intercultural poderiam ser passados a um bacharel em LEA-MSI. Com tal intuito, realizou-se uma revisão bibliográfica de autores citados acima e a análise do currículo do LEA MSI.

## 2 CULTURA

Em sua obra, *A noção de cultura nas ciências sociais* (1999), Denys Cuche mostra que o estudo da cultura está diretamente relacionado às ciências sociais. Segundo ele, quando nos questionamos sobre as diferenças entre os povos, é pela cultura que nós podemos obter respostas mais convincentes. E são essas diferenças que devem ser compreendidas por um comunicador intercultural.

Sobre o processo de construção das culturas, Cuche (1999) afirma que está diretamente relacionado ao processo de evolução que o homem tem passado por milhares de anos, uma vez que, durante esse processo, além das adaptações genéticas, se deram também a adaptação ao meio ambiente natural e uma adaptação cultural. A adaptação do homem, tanto no seu próprio meio quanto a adaptação do meio ao homem, se dá devido à evolução cultural. Segundo Cuche “a cultura torna possível a transformação da natureza” (CUCHE, 1999, p.10). Assim, o ser humano aprende a lidar com suas necessidades e anseios, modificando tanto a si como ao meio em que está inserido. Mesmo que os seres humanos compartilhem de uma mesma carga genética, diferenciam-se por suas *escolhas culturais*, pois cada grupo reage de acordo com o seu ambiente geográfico e suas necessidades.

A noção de cultura serve como meio para desmistificar as explicações que naturalizam os comportamentos dos homens, pois, segundo Cuche:

A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura. As diferenças que poderiam parecer mais ligadas a propriedades biológicas particulares, como por exemplo, a diferença de sexo, não podem ser jamais observadas ‘em estado bruto’ (natural) pois, por assim dizer, a cultura se apropria delas ‘imediatamente’: a divisão sexual dos papéis e das tarefas nas sociedades resulta fundamentalmente da cultura e por isso varia de uma sociedade para outra. (CUCHE, 1999, p.11).

Assim, podemos concluir que para Cuche (1999) os nossos comportamentos, que assumimos como inerentes dos seres humanos, estão na verdade totalmente relacionados com nossa cultura, mesmo que nós não percebamos que nossas escolhas e pensamentos foram aprendidos e não são necessariamente “naturais”.

Além do entendimento de cultura apresentado por Cuche (1999), levaremos em conta também a obra de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, intitulado de *Dicionário de Conceitos Históricos* (2009) onde cultura é definida como:

tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA e SILVA, 2009, p. 85).

## 2.1 BREVE HISTÓRICO DA PALAVRA *CULTURA*

Definir “cultura” não é fácil, uma vez que este termo é estudado por diversos campos como antropologia, sociologia, psicologia, entre outros e em cada uma dessas áreas o termo é visto com uma lente diferenciada, trazendo noções e compreensões diferentes, por vezes, divergentes. Não só os campos de estudo, mas também nossas tarefas diárias e pessoais passam pela cultura (CANEDO, 2009). Além disso, a palavra *cultura* tem sido semanticamente utilizada com diversas conotações como *mentalidade*, *espírito*, *tradição*, e até *ideologia* (CUCHE, 1999, p. 203).

No primeiro capítulo de sua obra intitulada *A noção de cultura nas ciências sociais*, Denys Cuche (1999) nos apresenta um histórico de como o entendimento da palavra cultura foi modificado ao longo do tempo. No século XVIII, a palavra cultura começa a constituir uma significação mais próxima da que temos atualmente. Na língua francesa, *culture* tinha inicialmente relação apenas com a sua origem do latim, ou seja, o cuidado que se deveria ter com a terra e o gado (CUCHE, 1999, p. 19).

No início do século XVI, o sentido era somente compreendido como ação de cultivar a terra. Já em meados do mesmo século, o seu sentido começa a ter um viés figurado, sendo o cultivo de uma faculdade, a relação do trabalho com o seu desenvolvimento. No entanto, essa ideia não será difundida pelos acadêmicos e pesquisadores da época, não aparecendo assim nos dicionários.

Cuche (1999) afirma que o desenvolvimento do termo cultura se deu com um acompanhar da língua e não devido aos movimentos ideológicos dos séculos passados. O sentido figurado da palavra cultura passa a ter seu valor mais próximo com o sentido atual em meados do século XVIII quando é apresentado no *Dicionário da Academia Francesa*, porém sua aparição é sempre acompanhada de um complemento, dando ainda um caráter de *ação de cultivar algo*.

Com o desenrolar do tempo, o seu conceito passa da *ação de cultivar algo* para a ideia de *estado de cultivado*. Gradativamente esta perde seus complementos e então é empregada para indicar a *educação* do espírito, “estado do espírito cultivado pela

instrução, estado do indivíduo ‘que tem cultura’” (CUCHE, 1999, p. 20). Assim os termos *cultura* e *natureza* começam a se opor. Durante o período do Iluminismo, utiliza-se do termo cultura para descrever uma qualidade estritamente humana. Para esses pensadores, a cultura é o acúmulo dos saberes aprendidos e transmitidos pela humanidade (CUCHE, 1999, p.21).

No século XVIII, cultura passa a ser definida como parte inerente ao ser humano, tendo sua inserção então nos pensamentos Iluministas, uma vez que “a palavra é associada às ideias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época” (CUCHE, 1999, p.21). Portanto, suas definições se espalham pela Europa encontrando escolas de pensadores por diversos países, o progresso é então aparentado com a ideia de que este acontece somente quando o homem for bem instruído (culto, nos moldes europeus), envolvendo cada vez mais os campos da vida.

Uma vez que as ideias de cultura e progresso são relacionadas, os termos *cultura* e *civilização* se aproximam mais ainda numa Europa exploradora. No entanto cultura continua sendo relacionada ao progresso individual, já civilização seria no âmbito coletivo. Cuche (1999) ainda afirma que um dos pontos relevantes dessa relação entre cultura e civilização é a *desteologização* do pensamento dos homens, já que o progresso começa a ser conectado ao estado do homem. Um pensamento mais antropocêntrico começa a se firmar com o homem sendo o centro das reflexões (CUCHE, 1999, p. 23).

Enquanto na França a palavra *culture* está ligada à instrução que o ser tem, na Alemanha, é diferente, assim como Cuche (1999) disse que aconteceria uma vez que esta definição está sob a ótica da sociedade em que está inserida (CUCHE, 1999, p.12).

No país germânico, durante o século XVIII, o termo inicialmente possuía um sentido similar ao que tinha na França. No entanto, a aristocracia alemã começou a utilizar o termo *cultura* como *civilização*. Ambos os termos começam a se contrapor quando a comunidade intelectual começa a criticar os aristocratas devido a sua futilidade em querer parecer e imitar os hábitos/costumes da corte francesa. Assim, cultura passa a ser identificada com o que coopera a locupletar tanto o intelecto como o espírito. Os pensadores começaram a entender cultura como um conjunto maior, como nação, e logo a ideia de unidade da cultura alemã começa a surgir, traços esses que permitiram e influenciaram os pensamentos nacionalistas que logo desencadearam os acontecimentos durante as guerras mundiais.

Tanto os pensamentos franceses como os germânicos em relação à *cultura* desencadearam duas das atuais concepções de cultura que temos e que são bases dos estudos das Ciências Sociais. Na linha francesa, entende-se cultura como um traço do ser humano dando origem ao conceito universalista, já na linha alemã entende-se cultura por um conceito particular de uma nação:

A cultura vem da alma, do gênio de um povo. A nação cultural precede e chama a nação política. A cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio e de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade. (CUCHE, 1999, p. 28).

O antropólogo britânico Burnett Tylor (1832 -1917) foi um dos pioneiros a definir cultura no século XIX num âmbito universalista, utilizando de uma abordagem geral e sistemática. Ele retrata cultura como uma totalidade das relações sociais do homem, englobando uma característica coletiva e total de suas expressões. Por fim, Tylor também diz que a cultura é adquirida independentemente de questões hereditárias (CUCHE, 1999, p.35). Ele também defendia que as sociedades evoluíam culturalmente até chegar ao nível de uma sociedade dita civilizada.

Ele não duvidava tampouco da unidade psíquica da humanidade, que explicava as similitudes observadas em sociedades muito diferentes, segundo ele, em condições idênticas, o espírito humano operava em toda a parte de maneira semelhante. Herdeiro do Iluminismo, ele aderiu igualmente à concepção universalista da cultura dos filósofos do século XVIII. (CUCHE, 1999, p. 37).

Cuche (1999) traz em sua obra, então, o antropólogo Franz Boas (1858 – 1942), que é um dos grandes influenciadores da antropologia moderna. Foi inicialmente formado em física, matemática e geografia. Boas, após uma expedição de pesquisa aos esquimós, começou a se dedicar aos estudos antropológicos ao perceber que “a organização social era determinada mais pela cultura do que pelo ambiente físico” (CUCHE, 1999, p.40). Suas pesquisas se davam com a defesa de que “a diferença fundamental entre os grupos humanos é de ordem cultural e não racial” (CUCHE, 1999, p.40). Um importante pensamento defendido numa época em que a noção de diferença racial era aceita, ele pretendeu expor a incoerência na crença de que traços mentais e traços físicos eram ligados entre si. Segundo Cuche, Boas defende que não há diferença biológica entre *primitivos* e *civilizados*, apenas diferenças culturais que foram adquiridas de acordo com o meio em que se encontram.

Para Boas:

Cada cultura é dotada de um 'estilo' particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este 'espírito' próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (CUCHE, 1999, p.45).

Nos Estados Unidos, o termo cultura, com a conotação atual, é rapidamente aceito com o seu sentido antropológico por disciplinas como Psicologia e Sociologia. Cucho (1999) em seguida nos apresenta os motivos pelos quais o termo fora acolhido com sucesso, dizendo que “A pesquisa científica não é totalmente independente do contexto no qual é produzida. Ora, o contexto nacional americano é bem específico, comparado aos contextos nacionais europeus” (CUCHE, 1999, p.65). Devido a sua formação como nação proveniente de imigrantes de diversas comunidades de origens culturais diferentes, o contexto de estudo sobre a cultura é diferente do contexto europeu. O fato de o americano ser basicamente imigrante ou filho de imigrante, excluindo-se aqueles de origem indígena, dá a possibilidade da criação de comunidades étnicas: “o contexto próprio dos Estados Unidos favoreceu uma interrogação sistemática das diferenças culturais e dos contatos entre culturas” (CUCHE, 1999, p.67).

A questão histórica americana contribuiu para os estudos tanto na área sociológica como antropológica. Comumente a antropologia americana é chamada, segundo Cucho, pejorativamente de *culturalista*. No entanto, Cucho afirma que não existe um culturalismo americano, mas sim culturalismos que mesmo estando vinculados uns aos outros, tratam de maneira diferenciada as teorias.

A primeira é herdeira direta do ensinamento de Boas e encara a cultura sob o ângulo da história cultura. A segunda se dedica a elucidar as relações entre cultura (coletiva) e personalidade (individual). A terceira considera a cultura como um sistema de comunicações entre os indivíduos. (CUCHE, 1999, p. 67-68).

## 2.2 TEORIAS CULTURAIS SEGUNDO ALESSANDRO DURANTI

A noção de cultura tem sido, por muitos cientistas políticos, relacionada com a supremacia colonial tanto nos âmbitos intelectuais, militares ou políticos que parte das potências ocidentais forçaram contra o resto do mundo. No século XIX, o termo *cultura* era também um conceito utilizado pelos europeus para se referir aos costumes dos locais que colonizaram/invadiram (DURANTI, 1997, p.23). Alessandro Duranti

apresenta em sua obra, *Linguistic anthropology* (1997), seis teorias sobre cultura, as quais serão apresentadas a seguir.

### 2.2.1 Cultura distinta da natureza

Em sua primeira teoria, Duranti (1997), de uma maneira geral, diz que a cultura é frequentemente entendida como algo que é aprendido e passado de geração em geração através de modos, relações interpessoais e pela comunicação. Isso explicaria o porquê de uma pessoa que foi adotada por pessoas de outra cultura, adquirir a cultura dos pais adotivos, pois não nascemos com cultura, mas sim com a habilidade de obtê-la. Assim a dicotomia entre o que é inato versus adquirido é apresentada no texto. A habilidade de adquirir a cultura é inata ao homem, porém a cultura em si é algo que é adquirido. A dicotomia *inato versus adquirido* dividiu pesquisadores e, segundo Duranti, quando questionado sobre o que faz o homem diferente, a resposta paira pela biologia, cultura, herança e aquisição. Quando pensamos sobre essa habilidade de aquisição, o autor nos traz a questão da língua, algo que é indubitável é que os seres humanos possuem a habilidade de conquistar a habilidade da linguagem. O exemplo dado são os bebês, que independentemente de onde estão, aprenderão a língua do seu entorno, seja esta uma língua falada ou de sinais, uma vez que é algo aprendido pela observação, tentativa e erro (DURANTI, 1997, p.24).

Assim como Cuche (1999), Alessandro Duranti apresenta Franz Boas que, influenciado pelos ideais de Kant e Hegel, foi um importante antropólogo que compara a cultura e a natureza. Para Kant, a cultura é a capacidade de definir arbitrariamente o final de algo. Partindo dessa proposição, Hegel diz que as pessoas se diferem dos animais por poderem controlar não só seus instintos, mas também sua capacidade de decisões, compartilhar necessidades e interesses. Para Hegel a cultura é um processo onde a pessoa sai do seu ser biológico e passa a compartilhar de uma visão mais ampla em relação a outrem.

Partindo das afirmações dos filósofos alemães, Duranti (1997) então traz outros autores para afirmar que a língua é/está diretamente ligada ao processo de socialização (transmissão da cultura e as relações interpessoais). Da mesma forma que a língua faz parte da cultura, esta é prontamente influenciada pela língua, assim,

noções como *nós* ou *privacidade* nem sempre têm a mesma conotação em línguas diferentes, uma vez que a visão cultural daqueles falantes influencia na interpretação de seus vocábulos (DURANTI, 1997, p.26).

### 2.2.2 Cultura como conhecimento

Uma vez que cultura é passada de geração em geração pelos modos e costumes, pode-se afirmar que cultura é conhecimento já que esta é aprendida. No entanto, isso não significa que uma pessoa deve somente saber certos fatos ou ser capaz de olhar para algum objeto, pessoa ou local e reconhecê-lo para fazer parte de um grupo. O grupo deve compartilhar de padrões de pensamento, jeitos de compreender o seu meio, fazer inferências e tirar conclusões semelhantes (DURANTI, 1997, p.27).

Duranti então parte de uma visão cognitiva da cultura e o conjunto necessário de conhecimentos para participar de uma comunidade inclui: conhecimento proposicional e conhecimento procedimental:

Propositional knowledge refers to beliefs that can be represented by propositions such as *cats and dogs are pets*, *smoking is bad for your health*, and *newborn babies cannot crawl*. These are the “know-that” types of statements ethnographers often try to elicit from informants. Procedural knowledge is the “know-how” type of information that must often be inferred from observing how people carry on their daily tasks and engage in problem-solving. To drive a car we not only need to know what different parts of the cars do, e.g. a certain pedal if pressed increases the speed or stops the car (propositional knowledge); we also need to actually know when and how to use that information. We need to know the “procedures,” that is, the specific sequences of acts, through which a given goal, for instance, accelerating or stopping, can be achieved. We also need to recognize whether a situation requires a certain action. (DURANTI, 1997, p. 28).<sup>1</sup>

Sendo assim, é através do conhecimento proposicional que um sujeito de certa comunidade compreende algo através de uma proposição. Enquanto o conhecimento procedimental é algo que é obtido através da observação, o sujeito aprende os

---

1 Conhecimento proposicional se refere às crenças que podem ser representadas por proposições como, por exemplo, gatos e cães são animais de estimação, fumar faz mal a sua saúde, e recém-nascidos não podem engatinhar. Esses são os tipos de declaração “saber – o que” que etnógrafos geralmente tentam extrair dos informantes. O conhecimento procedimental é o tipo de informação “know-how” que deve ser inferida através da observação de como as pessoas lidam com suas tarefas diárias e resolvem seus problemas. Para conduzir um carro nós não só precisamos saber o que as diferentes partes de um carro fazem, por exemplo, certo pedal se pressionado aumenta a velocidade ou para o carro (conhecimento proposicional); nós também precisamos saber quando e como usar essa informação. Nós precisamos saber os “procedimentos”, ou seja, a sequência específica de ações, por meio do qual um determinado objetivo, por exemplo, acelerar ou parar, pode ser alcançado. Nós também precisamos reconhecer se uma situação exige certa ação. [tradução própria]



procedimentos, ditos padrões, necessários para realizar uma determinada tarefa dentro da sua cultura.

Durante os anos 60, os antropólogos cognitivos tomam/usam a língua como objeto de estudo para que haja a compreensão de um grupo específico. Assim, ela é compreendida como um conjunto de proposições as quais o falante compreende. Essas proposições têm a forma de: sujeito + predicado. Essas proposições são correlacionadas e compreendidas através da capacidade de inferência do sujeito. Por exemplo: João é irmão do pai da Maria, logo João é tio da Maria (DURANTI, 1997, p. 28). Os antropólogos cognitivos afirmam que é necessário compartilhar de um mesmo conhecimento proposicional e saber as regras de inferência necessárias para entender se certas proposições são verdadeiras ou não, para assim dizer que o sujeito partilha da mesma base cultural.

Duranti (1997) afirma então que para pesquisadores mais recentes na área da cognição, o conhecimento não é algo exclusivo das operações mentais dos seres humanos, mas quando um indivíduo chega a uma solução do seu problema, a cognição passa pela mente, pelo corpo, pela ação, assim como pelo ambiente. Assim, ele afirma que:

To say that cultural knowledge is *socially distributed* means to recognize that (i) the individual is not always the end of the acquisition process, and (ii) not everyone has access to the same information or uses the same techniques for achieving certain goals. (...) It is also in the tools that a person uses, in the environment that allows for certain solutions to become possible, in the joint activity of several minds and bodies aiming at the same goal, in the institutions that regulate individuals' functions and their interactions. (DURANTI, 1997, p.31).<sup>2</sup>

Ele afirma que o conhecimento e a aprendizagem não podem se dar apenas pela transmissão de proposições, como se fosse um manual, uma vez que o indivíduo pode passar por situações inesperadas onde as proposições não farão sentido, ou não ajudarão. É aí então que o conhecimento procedimental pela observação entra, a pessoa pode não saber o que fazer mesmo que alguém tenha dito a ela o que fazer, mas por ela ter observado outros fazerem, ela saberá como agir. Apesar disso, afirmar que uma comunidade compartilha dos mesmos conhecimentos é um

---

2 Dizer que o conhecimento cultural é socialmente distribuído significa reconhecer que (i) o indivíduo não está sempre no final do processo de aquisição, e (ii) não é todo mundo que tem acesso à mesma informação ou usa das mesmas técnicas para realizar certo objetivo. (...) É também na ferramenta que a pessoa usa, no ambiente que permite que certo tipo de solução seja possível, na atividade conjunta de várias mentes e corpos que visam o mesmo objetivo, nas instituições que regulam as funções dos indivíduos e suas interações. [tradução própria]

equivoco, pois cada indivíduo tem a sua própria visão e experiência que interfere na maneira de ver o mundo (DURANTI, 1997, p.59).

### 2.2.3 Cultura como comunicação

Apresentando a terceira teoria, Duranti (1997) diz que pensar na cultura como meio de comunicação é entendê-la como um sistema de sinais, os quais os homens se apropriam da sua habilidade de relacionar simbolicamente os indivíduos com o meio através de produtos culturais como: histórias, mitos, teorias, provérbios, produções artísticas etc. Duranti (1997) apresenta a proposta estruturalista de Lévi-Strauss que diz que todas as culturas são sistemas de signos, e todos os homens compartilham das mesmas capacidades mentais, mas o que difere entre as culturas é a maneira com que as pessoas irão utilizar de suas habilidades de pensamento para interpretar o seu mundo.

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss defende que todas as culturas são um sistema de sinais que expressam predisposições cognitivas básicas que sistematizam o mundo através de oposições binárias, como por exemplo: cru-cozido, pai-mãe, terra-água. Segundo Lévi-Strauss, a mente humana é a mesma entre todos os humanos e o que difere é a maneira que os conhecimentos são aplicados de acordo com suas condições. Contrapondo as ideias de Lévi, é apresentado então Clifford Geertz, que não acreditava que as variações culturais eram como variações do mesmo inconsciente humano. Partindo da ideia de que o homem está preso a redes que tecem a cultura e que refletem na maneira da interpretação que o indivíduo tem em relação a certo fato, Geertz vê cultura como um produto das interações humanas, afirmando que “To say that culture is not in someone’s head means to emphasize the fact that culture is out there, both produced by and available to humans for interpretation. In this perspective, cultural manifestations are acts of communication.” (DURANTI, 1997, p.37).<sup>3</sup>

A comunicação não está somente relacionada com a denominação e nomenclatura de fatos, de crenças etc., mas também na contextualização de sentimentos, ideais e crenças. Assim, a comunicação é uma forma de expressão cultural.

---

<sup>3</sup> Dizer que cultura não está na cabeça de alguém significa enfatizar o fato de que cultura está por aí, tanto produzida como disponível para a interpretação humana. Nessa perspectiva, manifestações culturais são atos de comunicação. [tradução própria]

#### 2.2.4 Cultura como um sistema de mediação

A cultura também pode ser entendida como um sistema de mediação, sendo a maneira que utilizamos para interagir com o meio, com outras pessoas e nós mesmos. Deve-se entender cultura como a ferramenta de interação do homem com seu espaço. Duranti entende *cultura* como *ferramenta* com uma visão Marxista, remetendo ao termo *instrumento de trabalho*.

Na sua obra, Alessandro Duranti dá o exemplo de quando usamos o guarda-chuva para interferir num evento natural para adequá-lo às nossas necessidades (de não nos molharmos), o guarda-chuva é a nossa ferramenta. No caso a cultura é como se fosse o guarda-chuva, só que de uma maneira bem mais ampla, não necessariamente um instrumento material, mas o nosso corpo e pensamento também, assim, ele afirma “culture includes material objects such as the umbrella and ideational objects such as belief systems and linguistic codes. Both material and ideational structures are instruments through which humans mediate their relationship with the world” (DURANTI, 1997, p.41).<sup>4</sup> Continuando, ele afirma que produtos culturais incluem conversas, declarações de amor, cartas, anúncios, filmes e músicas; a cultura também inclui pequenos e complexos objetos, como uma língua por inteira e suas expressões idiomáticas, assim como seus códigos linguísticos usados no dia-a-dia. Assim, para ele todos esses produtos culturais são as formas que o homem tem de representar e lidar com o seu mundo: “They are interpretations of the world and interpretations are themselves tools to act within the world”( DURANTI, 1997, p.41).<sup>5</sup>

A maneira como nós agimos nas diversas situações de nossas vidas são reflexos da maneira como fomos culturalmente moldados, nós aprendemos a maneira de agir e reagir através de todas as nossas interações sociais pelas quais passamos durante nossa vida. Duranti afirma, assim, a seguinte proposição: “We stand (or swim) in culturally defined ways and we think and represent ourselves in that environment

---

4 “ cultura inclui objetos materiais como o guarda-chuva e objetos ideacionais como sistema de crenças e códigos linguísticos. Tanto a estrutura material como ideacional são instrumentos que os seres humanos usam para mediar sua relação com o mundo.”[tradução própria]

5 “São interpretações do mundo e as interpretações em si são ferramentas para agir dentro do mundo.” [tradução própria]

through conscious thought, which has been shaped by cultural-specific socialization practices.” (DURANTI, 1997, p.42).<sup>6</sup>

### 2.2.5 Cultura como um sistema de práticas

A ideia de cultura como um sistema de práticas surgiu juntamente com o pós-estruturalismo nas décadas de 60 e 70, quando teorias estruturalistas foram quebradas, especialmente no viés linguístico. As teorias do linguista Saussure de que a língua segue um padrão de estruturas de relação entre significado e significante único foi quebrado quando os estudiosos da época começaram a compreender que a relação entre um significado e o significante se dá através de uma relação complexa de inúmeros significantes (EAGLETON, 1983). Duranti afirma que a generalização de uma cultura como apenas um sistema de signos que se contrapunham começou a ser criticada. Iniciou-se, então, uma investigação sobre as culturas de uma maneira diacrônica e histórica pensando no desenvolvimento desta através dos tempos. Esse tipo de pensamento deu espaço a filósofos como Foucault e Derrida (DURANTI, 1997, p.43).

Heidegger parte da ideia de que a nossa cultura não pode ser um sistema binário como acreditava Lévi-Strauss, a nossa relação com o mundo não é mais definida por ferramentas analíticas que veem o ser apenas com sua relação direta analisando elementos isolados dos seus contextos, toda nossa compreensão de mundo parte de premissas já existentes nas quais estamos inseridos. Ele já não acredita que o conhecimento proposicional e a teoria da oposição binária possam definir o homem, mas sim sua relação histórica com o seu ambiente, como explicado por Dreyfus (1991) e Heidegger (1962) citado por Duranti no seguinte trecho:

The extension of Heidegger’s reasoning to contemporary social science brings the realization that binary oppositions and propositional knowledge are no longer the conditions or causes of our experience of the world, but generalizations and representations that presuppose other, more fundamental dimensions of human experience, including historicity (Dilthey [1883] 1988) and what Heidegger called *Befindlichkeit* “affectedness” or “disposition”. (DURANTI, 1997, p.44).<sup>7</sup>

---

6 Nós estamos (ou nadamos) em locais culturalmente definidos e nós pensamos e nos representamos nesse ambiente através do pensamento consciente, que tem sido moldado pelas práticas de socialização especificamente culturais.”[tradução própria]

7 “A extensão do raciocínio de Heidegger para a ciência social contemporânea traz a constatação de que o Modelo de Oposições Binário e conhecimento proposicional não são mais as condições ou causas de nossa experiência do mundo, mas generalizações e representações que pressupõem a existência de outros, mais dimensões fundamentais da experiência humana, incluindo historicidade

Na Teoria da Prática do sociólogo francês Pierre Bourdieu, ele defende uma íntima relação entre o nosso conhecimento e nossas ações, assim como as relações entre presente e passado. Segundo Bourdieu, a cultura não é algo que está presente ao exterior nem ao interior do indivíduo, mas sim é um sistema que se constrói através da prática de ações que um grupo de pessoas constantemente o reproduz num determinado espaço, assim como Duranti explica no seguinte trecho:

For him, culture is neither something simply external to the individual (e.g. in rituals or symbols handed down by older members of the society) nor something simply internal (e.g. in the individual mind). Rather, it exists through routinized action that includes the material (and physical) conditions as well as the social actors' experience in using their bodies while moving through a familiar space. (DURANTI, 1997, p.45).<sup>8</sup>

Bourdieu afirma que um sistema de disposição, ou *habitus*, é um sistema compartilhado por uma comunidade onde os seus integrantes estão dispostos a reproduzir certas atitudes diárias. Esse sistema é reproduzido diariamente por ações, discursos e organizações e são afirmados por instituições como escolas, família, etc. (apud DURANTI, p. 45).

Com uma visão não estruturalista, Bourdieu afirma que a língua é um sistema que é definido por todas as relações político-sociais de uma comunidade. Para ele, não se pode discutir uma língua separando-a de sua condição social que propiciou o seu surgimento. "A language only exists as a linguistic *habitus*, to be understood as recurrent and habitual systems of dispositions and expectations." (apud DURANTI, 1997, p. 45)<sup>9</sup>

### 2.2.6 Cultura como um Sistema de participação

A teoria de cultura como um sistema de participação é diretamente ligada à ideia de cultura como um sistema de práticas, se baseando na ideia de que todas as formas de expressão verbal possuem um caráter social, coletivo e participativo. Partindo dessa visão, pode-se entender que a língua possui um papel fundamental,

---

(Dilthey [1883] 1988) e aquilo que Heidegger chamava de *Befindlichkeit*, "afetabilidade" ou "disposição". [tradução própria]

<sup>8</sup> "Para ele, cultura não é algo simplesmente externo ao indivíduo (ex. Em rituais ou símbolos dados por membros antigos de uma sociedade) nem algo simplesmente interno (p.e. Dentro da mente do indivíduo). Pelo contrário, ela existe pela ação rotineira que inclui as condições físico e material assim como as experiências dos atores sociais em usar seus corpos ao se deslocar por um espaço familiar." [tradução própria]

<sup>9</sup> "Uma língua só existe como um *habitus* linguístico, a ser entendida como um sistema recorrente e habitual de disposições e expectativas". [tradução própria]

uma vez que poder falar um idioma é poder participar e compartilhar ideias dentro de uma comunidade que é muito maior do que um único indivíduo falante.

Words carry in them myriad possibilities for connecting us to other human beings, other situations, events, acts, beliefs, feelings. This is due to the ability that language has to describe the world as well as to its ability to connect us with its inhabitants, objects, places, and periods. (DURANTI, 1997, p.46).<sup>10</sup>

Duranti então afirma que como a comunicação é o que sustenta e conecta as relações do mundo, então o ato de falar é o ato de escolher qual caminho seguir na hora de nos relacionarmos com outros e, assim, é através da língua que nós nos tornamos membros de uma comunidade de ideias e práticas. (DURANTI, 1997, p. 46)

O sistema de participação requer o compartilhamento de recursos como crenças, pessoas, línguas entre outros. Necessitando também de um componente cognitivo para que o falante possa recuperar informações ou predizer uma ação que está por vir.

---

10 “As palavras carregam dezenas de milhares de possibilidades para nos conectar com outros seres humanos, outras situações, eventos, ações, crenças e sentimentos. Isto é devido à habilidade que a língua tem em descrever o mundo assim como a habilidade de nos conectar com seus habitantes, objetos, lugares e épocas.” [tradução própria]

### 3 COMUNICAÇÃO

A definição de comunicação, assim como a definição de cultura, é muito extensa e amplamente discutida por teóricos e pesquisadores de áreas diversas. É importante levar em consideração certos aspectos da comunicação para assim poder entendê-la. Usaremos o livro *Communication* de Larry L. Barker (1987), onde o autor afirma que a ação de se comunicar é um processo atemporal em que seus reflexos atingem todos os seguintes processos que o seguem. Barker (1987) também leva em conta comunicação como “a process of interrelated elements working together to achieve a desired outcome or goal” (p.5).<sup>11</sup>

A comunicação humana necessita também de experiências em comum entre o comunicador e o receptor, mutualidade dos símbolos e a atenção à mensagem. Esta é condicionada pelo receptor, sendo que sua capacidade de receber a mensagem, fenômeno de percepção, se sobrepõe à maneira em que a mensagem é enviada pelo comunicador (PENTEADO, 1964, p.14-17). Portanto, com a ausência do receptor a comunicação se torna inexistente, pois não há uma ponte comunicativa entre os elementos principais, que segundo Penteado (1964) são: o transmissor, o receptor e a mensagem (p.5).

Segundo Penteado (1964), em seu livro *Comunicação Humana* o fenômeno da percepção é o processo interpretativo no qual o receptor consegue produzir o resultado da mensagem recebida, pela reação cognitiva humana. E, assim, segundo Penteado “teremos de levar em consideração que, embora os homens vivam no mesmo mundo, pensam e sentem em mundos diferentes, pessoais e individuais” (PENTEADO, 1964, p.23). O ambiente e as variedades pessoais de uma pessoa afetam também a linguagem da mesma. A idade, sexo, raça, situação econômica, personalidade, entre outros além do estilo de fala contribuem para a identidade cultural de um grupo (BARKER, 1987, p.35).

Podemos pensar no processo de percepção dos seres humanos como um filtro onde a cultura está presente. A nossa cultura que vai nos guiar na forma como vamos

---

11 “Um processo de elementos inter-relacionados que trabalham em conjunto para alcançar um resultado ou objetivo desejado”. [tradução própria]

interpretar certa mensagem, ela faz parte de nós e está presente em todo e qualquer lugar onde estivermos, sendo na nossa própria ou numa cultura diferente. Para isso, Penteadó (1964) afirma:

As informações não possuem uma lógica própria, pois não resultam das mesmas percepções e conhecimentos; serão sempre *percebidas e interpretadas em termos das necessidades, emoções, personalidade e padrões cognitivos individuais*, embora se mantenha constantes os fatores estruturais e funcionais determinantes da percepção. (1964, p.24).

Barker (1987) em sua obra *Communication* divide a comunicação em diversas categorias que serão apresentadas a seguir.

### **3.1 Comunicação verbal e não-verbal**

A comunicação verbal é o compartilhamento escrito ou falado de mesmos símbolos, onde estes são tidos como universais para aqueles que os estão utilizando. A língua é um exemplo de comunicação verbal, uma vez que falantes da mesma língua compartilham dos mesmos símbolos para a troca de ideias. Já a comunicação não-verbal é tudo que não seja escrito ou falado, ou seja, os nossos gestos, tom vocal, o toque entre outros. A comunicação não-verbal é, de certa forma, um complemento à comunicação verbal. A nossa comunicação se dá muito mais do que o nosso ato de fala e de escuta, a nossa transmissão da mensagem se completa com a nossa comunicação não-verbal. Assim, Barker afirma:

we communicate through spoken and written language, but our body movements, gestures, and facial expressions are frequently more eloquent than any verbal statement. Even when we try to hide our thoughts and feelings, our nonverbal behavior still sends out messages. We communicate in spite of ourselves. (1987, p.66).<sup>12</sup>

Todos esses atos não-verbais não podem ser interpretados fora de contexto. Assim para que a compreensão seja eficaz, não se pode analisar ambas isoladamente. (BARKER, 1987, p.66)

### **3.2 Comunicação oral e escrita**

A comunicação oral é a transmissão da mensagem em voz alta, geralmente complementada pela comunicação não-verbal. A nossa participação dentro da comunicação oral se dá tanto quando estamos falando quando estamos ouvindo.

---

<sup>12</sup> "Que se comunicam através de linguagem falada e escrita, mas os nossos movimentos corporais , gestos e expressões faciais são frequentemente mais eloquentes do que qualquer declaração verbal. Mesmo quando tentamos esconder nossos pensamentos e sentimentos , o nosso comportamento não-verbal ainda envia mensagens, nós nos comunicamos apesar de nós mesmos". [tradução própria]



A comunicação escrita é toda a comunicação impressa, como em livros, jornais, revistas etc. Esta pode também ser acompanhada de comunicação não-verbal, uma vez que as mensagens escritas nos trazem sentimentos diferentes de acordo com o remetente. (BARKER, 1987, p.6)

### **3.3 Comunicação formal e informal**

Nossas tarefas e obrigações diárias envolvem a comunicação formal e informal, seja numa palestra em que está sendo ministrada ou numa conversa corriqueira com algum conhecido. Utilizando de uma comunicação formal, o comunicador presta mais atenção na comunicação verbal e não-verbal, uma vez que regras sociais são impostas em certos ambientes. A comunicação informal não impõe ao comunicador que este preste atenção excessivamente em suas maneiras e escolha das palavras. (BARKER, 1987, p. 7)

### **3.4 Comunicação intencional e não-intencional**

A intenção está em todas as mensagens que enviamos. Porém a comunicação intencional se dá quando há uma mensagem específica a ser dada e o comunicador está completamente ciente da mensagem que ele está tentando passar.

A comunicação não-intencional acontece quando o comunicador não está ciente da mensagem que está sendo passada, esse tipo de comunicação se dá, normalmente, por comunicação não verbal. O comportamento não verbal muitas vezes passa mensagens não intencionais, uma vez que este é também uma ponte de comunicação entre o comunicador e o receptor (BARKER, 1987, p.7).

### **3.5 Recomendações para a efetividade da Comunicação Humana por Penteadó (1964)**

Penteadó (1964) apresenta uma lista de 12 fatores que seriam cruciais para que haja a efetividade na comunicação entre seres humanos. Deixando explícito que o mais importante no processo da comunicação é a maneira na qual o receptor aceitará e interpretará a mensagem do comunicador.

- 1) A comunicação humana deve ser sempre individual.
- 2) Entre transmissor e receptor, quem decide o gabarito da comunicação humana é o receptor.
- 3) Cabe ao transmissor precisar o *papel* em que faz a comunicação, assim como a *seleção* do meio pertinente e da *forma* apropriada.
- 4) A finalidade da comunicação humana deve ser *evidente*, e por isso depende da organização das ideias.

- 5) A linguagem utilizada na Comunicação humana deve ser compartilhada entre transmissor e receptor, fazendo *comum* a significação da experiência e símbolos.
- 6) Sendo a Comunicação humana, processo essencialmente *dinâmico*, não pode ser abandonado antes de completar-se.
- 7) Completa-se o processo quando se observa, na *volta*, a reação do receptor.
- 8) A compreensão nasce do significado comum e deve estar presente em todas as fases da Comunicação.
- 9) O objetivo da Comunicação humana não é necessariamente concordância, e sim compreensão. (1964, p.20)
- 10) Embora imperfeita, transmissor e receptor devem esforçar-se em diminuir as deficiências da Comunicação humana.
- 11) Não é tão importante ser compreendido, quanto compreender.
- 12) A Comunicação humana efetiva depende da atenção *dirigida*.

Analisando os pontos propostos por Penteado (1964), o processo de comunicação é extremamente íntimo àqueles que participam dele, sendo o receptor o principal dentro do processo, uma vez que será através do receptor que a mensagem dada pelo transmissor (ou comunicador) será interpretada através dos seus filtros culturais e pessoais próprios. A comunicação é efetiva quando o comunicador se atenta ao seu receptor, sendo necessária uma experiência em comum entre ambos para que a mensagem possa ser compreendida.

## 4 COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

### 4.1 O surgimento da comunicação intercultural

A forte onda da globalização e a interação entre culturas dos últimos tempos, assim como os adventos tecnológicos, forçaram e têm constantemente forçado as pessoas a lidarem e a se relacionarem com diferentes culturas em diferentes espaços. Assim como afirmou Chen (2014), em seu estudo intitulado *Intercultural Communication Competence*, cinco tendências propiciaram a atual conectividade que envolve a sociedade humana. Ele afirma que o desenvolvimento de novas tecnologias de transporte e comunicação, a economia interdependente, a movimentação de pessoas por todo o mundo, o rápido desenvolvimento do multiculturalismo e a diminuição da ênfase do Estado-Nação foram as tendências globais que criaram o ambiente atual.

five trends have pushed human society into a globally connected network and strongly demand the ability to communicate competently in intercultural context in order to produce a successful life in the 21st century. The five trends include the development of new communication and transportation technologies, the global inter-reliance on economy, the widespread movement of populations around the world, the rapid development of multiculturalism, and the de-emphasis of nation-state. Together, these globalization trends have made the world more interdependent and interconnected, which impacts almost every aspect of human society on personal, interpersonal, group, and organizational levels. (Chen et al, 2014).<sup>13</sup>

A comunicação intercultural está, em geral, relacionada à relação entre pessoas de culturas diferentes. Seu estudo inicialmente se deu nos Estados Unidos da América quando o Congresso, com o intuito de prover treinamento tanto linguístico como antropológico aos diplomatas estrangeiros, criou o *Foreign Service Institute* em 1946 (JANDT, 2002). Martin e Nakayama (2010) afirma que inicialmente os estudos da comunicação pela *Foreign Service Institute* tinham como ênfase o estudo da comunicação não-verbal pela Linguística Aplicada para entender os aspectos não

---

<sup>13</sup> Cinco tendências levaram a sociedade humana a uma rede globalmente conectada e que exige firmemente a capacidade de se comunicar com competência no contexto intercultural, a fim de produzir uma vida bem-sucedida no século XXI. As cinco tendências incluem o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e de transporte, a interdependência econômica-global, o movimento generalizado das populações em todo o mundo, o rápido desenvolvimento do multiculturalismo e a perda da ênfase do Estado-nação. Juntas, essas tendências de globalização tornaram o mundo mais interdependente e interligado, que impacta quase todos os aspectos da sociedade humana nos níveis pessoal, interpessoal, de grupo, e os níveis organizacionais. [tradução própria]

verbais dentro da comunicação. Assim, eles concluíram que a comunicação não verbal varia de cultura para cultura assim como as línguas. (Martin et al, 2010, p.46)

No entanto, um dos pioneiros dos estudos da comunicação intercultural foi Edward T. Hall, antropólogo norte-americano especialista em pesquisas sobre multiculturalidade, que foi quem utilizou o termo *comunicação intercultural* pela primeira vez no seu consagrado livro *The Silent Language* (1959). Em seu livro, Hall explica e analisa as maneiras não-verbais que as pessoas utilizam para se expressar. (ROGERS et al, 2002)

Hall se utilizou de teorias antropológicas para incluir uma visão sobre a cultura dentro da comunicação, enquanto trabalhava para o Instituto de Serviços Estrangeiros nos Estados Unidos. Em seu livro ele define cultura como basicamente um processo de comunicação. O interesse por uma comunicação mais eficaz entre pessoas de culturas distintas aumentou quando o Corpo da Paz<sup>14</sup> foi criado pelo então presidente John F. Kennedy no começo dos anos 60. (JANDT, 2002)

Apesar dos estudos da comunicação intercultural terem começado apenas em meados dos anos 40 com o *Foreign Service Institute*, a comunicação intercultural em si sempre existiu. Shan (2004) afirma que esta surge como resultado das relações históricas entre os países e pessoas de diferentes culturas e que as similaridades entre culturais distintas podem ser explicadas, em parte, pelo contato histórico entre as comunidades diversas:

La communication interculturelle est un phénomène historiquement culturel: accompagnant le développement de l'être humain, elle constitue également un mode de vie de celui-ci. Selon ce que disent les anthropologues culturels, la ressemblance culturelle de chaque nation pourrait s'expliquer en grande partie, même si pas en totalité, par la communication ou « l'emprunt » qui s'est passée dans l'histoire par le contact. (SHAN, 2004).<sup>15</sup>

---

14 O Corpo da Paz foi criado pelo presidente norte Americano John F. Kennedy no começo dos anos 60 como produto da Guerra Fria, como maneira de enviar seus cidadãos aos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento para um programa voluntário para que ensinem a língua inglesa, ensinem técnicas sustentáveis, avanço da amizade e paz mundial, uma vez que durante esse período a União Soviética estava preparada para enviar professores, engenheiros, médicos e enfermeiras pelo mundo para espalhar os ideais comunistas. (John F. Kennedy Presidential Library and Museum)

15 A comunicação intercultural é um fenômeno historicamente cultural: acompanhando o desenvolvimento do ser humano, é também um estilo de vida do mesmo. Segundo os antropólogos culturais, a similaridade cultural de cada nação poderia ser explicado, em grande parte, embora não totalmente, pela comunicação ou pelo empréstimo que aconteceu através do contato. [tradução própria]

## 4.2 Competências de um comunicador intercultural

De acordo com Chen (apud Jandt, 2012) a competência na comunicação intercultural está relacionada à habilidade em obter resultados satisfatórios tanto no entendimento da mensagem pelo receptor como pela habilidade do comunicador em saber transmitir a mensagem. Segundo Chen, há quatro áreas de habilidades as quais o comunicador intercultural de sucesso deve ter: Força de Personalidade, Habilidade Comunicativa, Ajustamento Psicológico e Consciência Cultural.<sup>16</sup>

### 4.2.1- Força de Personalidade

A área *força de personalidade* são traços pessoais do comunicador que interferem na comunicação, são eles: *autoconceito*: a maneira como o indivíduo compreende sua própria existência e sua relevância perante a sociedade; *autorevelação*: é até que ponto o indivíduo está disposto a abertamente revelar informações sobre si mesmo para outros; *auto monitoramento*: é quando o indivíduo utiliza de seus conhecimentos prévios sobre outra cultura para poder controlar e modificar a maneira em que vai se expressar e se apresentar; e por fim o *relaxamento social*: a habilidade do indivíduo de mostrar pouca ou quase nenhuma ansiedade no processo da comunicação. (JANDT, 2002)<sup>17</sup>

Jandt (2007) ainda afirma que, para que haja eficácia na comunicação, os comunicadores devem saber sobre si mesmos muito bem e através da sua consciência utiliza-se de atitudes positivas. Os comunicadores interculturais devem se manifestar de maneira amistosa para serem comunicadores interculturais competentes (p.46).

### 4.2.2- Habilidade Comunicativa

O indivíduo que intenta praticar da comunicação intercultural deve ser competente tanto nos comportamentos verbais como não-verbais. É importante que o comunicador consiga compreender a língua utilizada para poder responder a perguntas e a *feedbacks* necessários durante um diálogo, também compreender e saber utilizar certos tipos de comportamentos em diferentes ambientes é importante, é necessário ter a capacidade de interação como atenção e capacidade de resposta.

<sup>16</sup> As habilidades originalmente são nomeadas na língua inglesa, seguindo a tradução para os termos originais: *Personality Strength; Communication Skills; Psychological Adjustment; Cultural Awareness.*

<sup>17</sup> As habilidades originalmente são nomeadas na língua inglesa, seguindo a tradução para os termos originais: *self-concept; self-disclosure; self-monitoring; social relaxation.*

É importante que o comunicador tenha empatia com quem está interagindo, assim como ter a habilidade de compreender e aceitar a identidade daquela com quem está se comunicando. (JANDT, 2007, p.47)

#### **4.2.3- Ajustamento psicológico**

Comunicadores efetivos devem saber lidar e se adaptar a novos ambientes e desafios. O choque-cultural pode ser aliviado quando o comunicador sabe lidar com os sentimentos de frustração e estresse que podem vir junto com o choque (JANDT, 2007, p. 47).

#### **4.2.4- Consciência cultural**

Compreender que há diferentes costumes e sistemas sociais é importante para a efetividade da comunicação intercultural. É necessário aceitar as diferenças culturais e entender que as pessoas pensam e se comportam de maneira diferente (JANDT, 2007). Não só a consciência da diferença com relação à cultura do próximo, mas também é importante que haja a consciência da própria cultura, como afirma Cantatore e Quappe (1991)

Cultural Awareness is the foundation of communication and it involves the ability of standing back from ourselves and becoming aware of our cultural values, beliefs and perceptions. (...) Cultural awareness becomes central when we have to interact with people from other cultures. People see, interpret and evaluate things in different ways. What is considered an appropriate behavior in one culture is frequently inappropriate in another one. Misunderstandings arise when I use my meanings to make sense of your reality. (CANTATORE et al, 1991) <sup>18</sup>

### **4.3 Barreiras enfrentadas por um comunicador intercultural**

Existem seis barreiras na comunicação intercultural que um comunicador poderá enfrentar e que, apesar de serem possivelmente óbvias para muitas pessoas, é importante pontuar, uma vez que são peculiaridades da comunicação, que muitas vezes passam despercebidas ao falante. Segundo Barna (apud Eadie, 2009) são elas: ansiedade, presumir similaridade ao invés de diferença, etnocentrismo, estereótipos e preconceitos, má interpretação não verbal e a língua.

---

18 A Consciência Cultural é a base da comunicação e que envolve a habilidade de se auto observar para poder compreender os próprios valores, crenças e percepções( ...) A Consciência Cultural se torna central quando nós temos que interagir com pessoas de diferentes culturas. As pessoas veem, interpretam e avaliam as coisas de maneiras diferentes. O que é considerado um comportamento apropriado numa cultura, frequentemente é inapropriado numa outra. Mal-entendidos aparecem quando eu uso meus significados para fazer a sua realidade fazer sentido. [tradução própria]

### 4.3.1- Ansiedade

A ansiedade interfere na comunicação uma vez que, se o comunicador angustia pela dúvida do que pode ou não acontecer durante a comunicação com uma pessoa estranha, seja ela de uma cultura diferente ou não, falante de uma língua diferente ou não, ele não presta atenção no processo da comunicação em si, e sim no que está fazendo ou deixando de fazer. A naturalidade da conversa se perde e, por muitas vezes, as mensagens passadas ou recebidas também (EADIE, 2009, p.397).

### 4.3.2- Presumindo similaridade ao invés da diferença

Muitas vezes o comunicador presume que a pessoa com quem está se comunicando compartilha das mesmas características culturais que ele e assim acaba ignorando importantes fatores culturais para aquela pessoa. Quando presumimos similaridade, grandes diferenças são ignoradas (EADIE, 2009, p.397).

### 4.3.3- Etnocentrismo

O etnocentrismo aqui está relacionado ao mau entendimento de outros costumes, julgando-os de acordo com a nossa própria cultura. O etnocentrismo se mostra quando achamos que a nossa cultura é superior ou melhor que a do outro. Isso muitas vezes está relacionado com racismo e preconceito também. “We are ethnocentric when we believe that our culture is superior and not understand that whatever exists in one culture makes sense if we understand that culture” (EADIE, 2009, p.397).<sup>19</sup>

### 4.3.4- Estereótipos e preconceitos

Julgar outra pessoa de algum outro grupo faz parte de ambos os termos. O estereótipo está relacionado a julgamentos tanto positivos quanto negativos sobre outra pessoa, todos nós podemos estereotipar um grupo, baseando-nos em experiências pessoais ou ouvidas. O problema da *estereotipação* dentro da comunicação é que quando uma crença não verdadeira é perpetuada, tendemos a acreditar e a reproduzir tal mentira, o que pode ser prejudicial à pessoa estereotipada.

O preconceito está relacionado a um desgosto irracional, assim como afirma Eadie (2009):

---

<sup>19</sup> Nós somos etnocêntricos quando acreditamos que nossa cultura é superior ou não entendemos que qualquer coisa que exista numa cultura faz sentido se nós entendermos aquela cultura. [tradução própria]

Whereas stereotypes can be positive or negative, prejudice refers to the irrational dislike, suspicion, or hatred of a particular group, race, religion, or sexual orientation. The Roma (mistakenly named Gypsy by medieval Europeans, who thought all dark-skinned peoples came from Egypt) experienced persecution by Nazi Germany and Eastern European Communist governments. Japanese-born Koreans have been victims of social, economic, and political prejudice, as did the Irish in the United States. (EADIE, 2009, p. 398).<sup>20</sup>

#### 4.3.5- Má interpretação da comunicação não-verbal

Símbolos não verbais podem ter diferentes semânticas para diferentes culturas, isso pode causar problemas na comunicação. O espaço pessoal varia em diferentes países, alguns países latinos tendem a ter um espaço pessoal menor do que em países nórdicos ou asiáticos; assim como gestos e alguns movimentos corpóreos podem significar coisas boas ou ruins dependendo do local onde forem executados. A noção de tempo e como dispomos nossos afazeres durante o dia pode variar; e o uso do toque durante uma conversa pode se tornar rude em algumas comunidades ou uma benção em outras. (EADIE, 2009, p. 398)

#### 4.3.6- Língua

A língua pode se tornar uma barreira quando ocorre a tradução sem levar em conta a cultura da língua de origem, ou quando muitas vezes não há vocabulário suficiente para que haja a tradução. Por exemplo, na tribo Hanunov há 92 tipos de palavras para *arroz*, porém é impossível traduzir todas elas de maneira diferente que não seja *arroz*; a tradução não seria errada, porém é perdida da especificidade da língua original. Um problema também é a tradução de expressões idiomáticas específicas (EADIE, 2009, p. 398).

---

20 Enquanto os estereótipos podem ser positivos ou negativos, o preconceito se refere ao desgosto irracional, suspeita ou ódio a um grupo em particular, raça, religião ou orientação sexual. Os romanos (erroneamente nomeados de ciganos pelos europeus medievais, que pensaram que todas as pessoas de pele escura vinham do Egito) viveram perseguições pelos alemães nazistas e pelos governos comunistas do leste europeu. Os japoneses nascidos coreanos foram vítimas de preconceito social, econômico e político, assim como foram os irlandeses nos Estados Unidos. [tradução própria]



## 5 O Curso Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação

O Bacharelado em Línguas Estrangeiras possui já uma longa história dentre as universidades europeias, principalmente dentre as francesas que em sua maioria consiste de um curso de duração de três anos, e segundo a *Association Nacional des Langues Étrangères Appliquées*:

C'est une formation pluridisciplinaire, et l'étudiant doit être en mesure de mener de front des études dans toutes les disciplines étudiées – deux langues et les matières d'application. Habituellement - mais cela dépend de l'université - après une première année de découverte, l'étudiant commencera à se spécialiser dès la seconde année, avant de déterminer définitivement son parcours par le choix des options offertes en troisième année. L'enseignement en LEA est assuré par des universitaires et par des professionnels appartenant à divers secteurs d'activité.<sup>21</sup>

Utilizando o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação – LEA-MSI, da Universidade de Brasília, desenvolvido em 2010, serão, a seguir, apresentadas as propostas iniciais para essa graduação. Segundo o PPP, o curso possui um

caráter multi e interdisciplinar e profissionalizante, cujo eixo é a aprendizagem de três línguas estrangeiras (Espanhol, Francês e Inglês) e suas respectivas culturas, para aplicação em projetos, atividades e contatos interculturais, particularmente no campo da terminologia e das tecnologias de informação e comunicação, inclusive do setor áudio-visual.(sic) (Projeto Político Pedagógico, 2010, p.3).

Portanto, o curso intenta formar pessoas que sejam capazes de lidar com três línguas estrangeiras e aplicá-las a diversos campos da sociedade. As línguas não são o único foco do curso, mas também o estudo de áreas da terminologia, comunicação e audiovisual. Baseando-se em bacharelados já existentes em países como França e Grécia, o plano do curso é capacitar um profissional com habilidades amplas.

Dentre os conhecimentos e capacidades ansiadas pelo Projeto temos:

- a) assessorias ou consultorias em projetos ligados à sociedade da informação (e. g. interfaces digitais multilíngües, produção de

---

<sup>21</sup> É uma formação multidisciplinar, e o estudante deve ser capaz de manejar estudos em todas as disciplinas do estudo - duas línguas e materiais de aplicação. Geralmente - mas isso depende da universidade - depois de um primeiro ano de descoberta, os alunos começam a especializar-se no segundo ano, antes de finalmente determinar o seu curso, selecionando as opções no terceiro ano. A instrução em LEA é fornecida por acadêmicos e profissionais de diversas indústrias. [tradução própria]

conteúdos multilíngües, websites multilíngües, etc), à lexicografia e terminologia bi ou plurilíngüe.

b) apoio a atividades e projetos que exigirem o conhecimento de línguas, tais como organização de conferências multilíngües, apoio a missões estrangeiras e organizações internacionais, grupos temáticos no ciberespaço, organização de visitas técnicas internacionais e produção de publicações em temas de interesse da sociedade da informação e do conhecimento.

c) liderança de projetos destinados à preservação, consolidação e inclusão de línguas, tanto novas como já incluídas, no mundo digital.

d) atuação em projetos de inclusão digital interdisciplinares, que utilizem línguas estrangeiras, comunicação multi-modal e linguagens compreendidas e utilizadas por pessoas com necessidades especiais. (Projeto Político Pedagógico, 2010, p.3).

A justificativa dada para a criação do curso se baseia na carta à Conferência Geral da UNESCO intitulada de *Recomendación sobre la promoción y el uso del plurilingüismo y el acceso universal al ciberespacio*<sup>22</sup>. Uma vez que a sociedade para a qual estamos caminhando, denominada de *sociedade do conhecimento*, estará numa etapa avançada das ditas *sociedades da informação*<sup>23</sup>. A necessidade da difusão da informação dentro do mundo digital em diversas línguas exige a inclusão de línguas minoritárias e o monitoramento de línguas já inseridas para que a informação seja alcançada de forma ampla, uma vez que esta ainda está limitada.

Dentro do objetivo geral do PPP temos:

Desenvolver competências para o exercício profissional no âmbito plurilíngüe exigindo além da competência prática em línguas estrangeiras, uma competência analítica necessária para o uso intensivo delas na sociedade da informação. (Projeto Político Pedagógico, 2010, p.4).

E por objetivos específicos, de maneira sucinta, o curso intenta oferecer conhecimento aprofundado nas três línguas em questão, sendo que é obrigatório que o estudante complete todos os créditos de um par das línguas (Inglês-Francês, Espanhol-Inglês, Espanhol-Francês) e supra os créditos faltantes ou com a terceira língua ou qualquer outra língua que a Universidade de Brasília ofereça, desde que os créditos mínimos sejam completados com língua estrangeira. O curso proporciona

---

22 Recomendação sobre a promoção e o uso do plurilingüismo e o acesso universal ao ciberespaço

23 Segundo Jorge Werthein, em seu artigo *A sociedade da informação e seus desafios*, o termo passou a ser utilizado como forma de substituir o conceito de sociedade pós-industrial. Com as novas tecnologias crescendo e o mundo se torna mais globalizado assim como informacional o qual não só acontece em países desenvolvidos industrialmente, mas também países subdesenvolvidos caminham para o mesmo caminho.

não só o conhecimento das línguas, mas também o conhecimento de sistemas de informação, na área linguística, informática e uma introdução à área do audiovisual.

O profissional obterá competência comunicativa tanto na língua materna como nas outras línguas estrangeiras escolhidas e, além disso, estará apto a fazer o uso de tecnologias que promovam o Multilinguismo no mundo digital. Também, o profissional estará hábil a:

assessorar, mediar e coordenar, participando do planejamento, elaboração e execução de ações que impliquem os diversos tipos de diálogo, troca e intercâmbio internacional, de natureza técnica no campo da terminologia, das tecnologias de informação e comunicação e no setor áudio-visual. (sic) (Projeto Político Pedagógico, 2010, p.5).

Como podemos observar, o objetivo geral na criação do bacharelado é proporcionar aos graduados competências para utilizar e aplicar as línguas nas diversas áreas abordadas durante a graduação.

### **5.1 Currículo acadêmico da graduação de LEA-MSI**

O curso propõe 192 créditos totais, sendo estes divididos em 132 créditos obrigatórios e 60 créditos de matérias optativas. Deste total, 63%, ou 120 créditos, são destinados às matérias de línguas repartidos nas três línguas propostas em quantidades iguais de 40 créditos para Inglês, Espanhol e Francês. O estudante deve escolher um par dessas línguas como cadeia principal de língua e completar os 40 créditos restantes com: ou a terceira língua ofertada ou outras línguas ofertadas pela Universidade de Brasília. Na área de língua francesa as matérias incluem: Prática Oral e Escrita do Francês 1 – 4, Morfossintaxe do Francês, Civilização Francesa, Civilização de Expressão Francesa, Análise e Produção de Textos em Francês (totalizando 40 créditos); na área da língua inglesa as matérias incluem: Introdução à morfologia do inglês, Inglês: Compreensão da Língua Oral 1, Inglês: Expressão Escrita 1-3, Inglês: Expressão Oral 1-2, Cultura e Instituições Britânica e Norte Americanas ( totalizando 40 créditos); na área da língua espanhola as matérias incluem: Língua Espanhola 1-10 ( totalizando 40 créditos).

Os outros 72 créditos restantes são divididos entre matérias obrigatórias das áreas específicas do curso, são elas: Multilinguismo no ciberespaço, Planejamento e Organização de Conferências Internacionais, Fundamentos da Sociedade da Informação, Métodos e Técnicas aplicados ao Multilinguismo, Língua e Programação,

Linguística de Corpus, Língua Léxico e Terminologia 1 e 2, Modalidades de Tradução Audiovisual, Estágio supervisionado de LEA-MSI, Trabalho Final de Curso e Introdução à linguística (52 créditos); e os 20 créditos restantes são matérias optativas dos departamentos de Economia, Ciências Políticas, Relações Internacionais e Sociologia.

Assim, dentro do currículo acadêmico do bacharelado de LEA-MSI encontramos as seguintes matérias que abordam (ou deveriam abordar) a cultura de países que tem algum dos idiomas do LEA como oficiais : Civilização Francesa, Civilização de Expressão Francesa, Cultura e Instituições Britânicas, Cultura e Instituições Norte Americanas, Língua Espanhola 9 e Língua Espanhola 10.

## **5.2 Comunicação Intercultural dentro do currículo acadêmico do LEA-MSI.**

Analisando o currículo do curso, percebe-se que mais da metade dos créditos estão voltados às línguas e suas respectivas culturas. Dentro da graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas, as línguas carregam um importante *status* por serem as ferramentas de aplicação às matérias específicas às quais o curso se direciona. Sendo assim, é importante firmar que o conhecimento cultural deve ser levado em consideração para que o estudante tenha uma melhor desenvoltura ao usar as línguas escolhidas. Como visto anteriormente neste trabalho, não se pode dissociar cultura da comunicação, nem língua da cultura, uma vez que ambas caminham juntas e se modificam uma refletindo na outra.

Então, dentro do curso temos matérias que tem como pretensão abordar cultura – seis matérias, totalizando 24 (vinte e quatro) créditos – e 96 (noventa e seis) créditos de matérias que ensinam as línguas obrigatórias. No entanto, nenhuma dessas matérias ensina o estudante a lidar com diferentes culturas, além disso, as ementas das matérias são criadas pelos professores, obviamente seguindo todos os padrões de criação de ementa e as burocracias, mas parte do professor e do seu âmbito pessoal, o que ele irá passar para o aluno, tornando as matérias arbitrárias.

Quando voltamos à ideia de cultura, esta sempre teve um debate intenso sobre o seu real significado e sobre o que a engloba de fato, pois seu uso sempre remeteu às realidades daqueles que a estavam definindo. “O uso da noção de cultura leva diretamente à ordem simbólica, ao que se refere ao sentido, isto é, ao ponto sobre o qual é mais difícil de entrar em acordo” (CUCHE, 1999, p.12). Levando em conta as

ementas apresentadas no Matricula Web da Universidade de Brasília, não há nenhuma matéria dentro do curso que teria a intenção de propiciar aos estudantes conhecimentos vistos nos estudos da Comunicação Intercultural descritos nesse trabalho.

O curso propõe a formação de estudantes capazes de aplicar nos conhecimentos específicos (terminologia, tradução audiovisual, organização de eventos) as línguas aprendidas num ambiente possivelmente multilinguístico e multicultural. No entanto, como apresentado no Capítulo 2 deste trabalho, vimos que cultura não é algo simples a ser ensinado, pois é um conjunto de regras, de costumes, de pequenos e grandes detalhes que interligados criam a identidade de um grupo. Logo, seria relevante se houvesse a criação de uma matéria que fosse destinada a falar sobre cultura, comunicação e língua para que o aluno, uma vez que não tenha acesso significativo à cultura das línguas que estuda, possa ter noção de como se comportar perante uma pessoa de cultura diferente, não só alguém que seja falante das línguas aprendidas no LEA, mas também pessoas falantes de outras diversas línguas provindas de diversas outras culturas. Assim como pessoas do nosso próprio país, pois segundo Cucho (1999) “o encontro das culturas não se produz somente entre sociedades globais, mas também entre grupos sociais pertencentes a uma mesma sociedade complexa” (p.14). Desse modo, a comunicação intercultural não é importante somente entre sujeitos de diferentes países, pois ela também se faz necessária muitas vezes entre sujeitos de uma mesma sociedade. O Brasil, assim como diz Barbalho (2007):

pelo tamanho continental do país e o processo histórico de sua ocupação que envolveu não apenas o colonizador português, mas diversas etnias indígenas e africanas, afora outros migrantes europeus e os asiáticos, além dos fortes fluxos migratórios internos. (BARBALHO, 2007, p.1).

Então, encontramos em nosso país diversas unidades étnicas e culturais devido a todo o nosso processo de formação, não somente se tratando do colonizador português, mas também de diversas etnias indígenas e africanas, além dos imigrantes europeus vindos no final do século XIX.

Aprender a lidar e a se comunicar utilizando as competências propostas pela Comunicação Intercultural propiciaria ao estudante a obtenção de uma comunicação mais eficaz evitando jogar a culpa no outro pela falta do entendimento.

Difficulties in intercultural communication are seldom seen for what they are. When it becomes apparent to people of different countries that they are not understanding one another, each tends to blame it on "those foreigners," on their stupidity, deceit, or craziness. (HALL, 1959, p.15).<sup>24</sup>

Além de todas as unidades étnicas e culturais dentro do país, devido ao contínuo fluxo migratório e a atual situação econômica de diversos países, o fluxo de imigrantes-refugiados para o Brasil tem aumentado, assim como é explicitado pela ACNUR<sup>25</sup> em suas estatísticas de refugiados no Brasil, “O número total de solicitações de refúgio aumentou mais de 2.868% entre 2010 e 2015 (de 966 solicitações em 2010 para 28.670 em 2015). A maioria dos solicitantes de refúgio vem da África, Ásia (inclusive Oriente Médio) e o Caribe”. Será o profissional competente em comunicação intercultural que irá ter sucesso em se comunicar com essas pessoas num futuro próximo.

---

24 As dificuldades na comunicação intercultural são raramente vistas por aquilo que são. Quando se torna visível para pessoas de diferentes países que eles não estão se entendendo, cada um tende a culpar “os estrangeiros”, por sua estupidez, engano ou loucura. [tradução própria]

25 Agência da ONU para Refugiados

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Palavras são pássaros, Voaram!  
Não nos pertencem mais.”  
Helena Kolody (1985)

O estudo da cultura se mostrou extremamente abrangente, foi estudado que o conceito do termo cultura passou por transformações durante séculos, passando por pensadores franceses, alemães e ingleses, indo do cultivo da terra e do gado para o ser cultivado para que assim chegasse o mais próximo do que temos na atualidade (CUCHE, 1999). Como explicitado por Silva e Silva (2009), hoje podemos entender cultura como “todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica” (SILVA e SILVA, 2009, p. 85). Portanto, a nossa cultura independe da nossa biologia natural, nós adquirimos cultura pelo contato, pelo aprendizado, pela vivência, assim como explicado nas Teorias Culturais de Alessandro Duranti (1997), que foram revisadas neste trabalho, estas foram de importante valia para a compreensão de como a cultura pode ser entendida seja ela do contexto de origem ou adquirida posteriormente, como um sistema de práticas, como ferramenta que o homem tem para interagir com o meio, ou seja, ela se configura como meio de comunicação.

No nosso atual contexto de mundo, onde estamos passando por um grande processo de migrações em massa, pessoas se locomovendo de um canto a outro do globo, refugiados de guerra, o entendimento e a sensibilidade do que é cultura se faz necessário para a compreensão da diversidade cultural e de que essas diferenças são o que marcam nossas histórias, nossos valores e nossas próprias culturas. É necessário entender como se dá o processo de comunicação entre o locutor e o receptor, tendo em vista que existem outras formas de comunicação além da verbal, tais como: a comunicação não-verbal, oral e escrita, formal e informal, intencional e não-intencional (BARKER 1987).

O profissional formado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, a princípio, deve ser um profissional capacitado a lidar com inúmeros ambientes plurilíngues e multiculturais, sendo o mediador em ambientes diversos utilizando das línguas aprendidas como ferramentas de auxílio na

terminologia, Multilinguismo no ciberespaço, organização de eventos e tradução audiovisual.

Como revisado anteriormente, não podemos separar língua e cultura, assim como Duranti (1997) alega em seu livro *Linguistic Anthropology* que produtos culturais não são somente objetos materiais, mas também códigos linguísticos. Toda carga cultural e pessoal de um indivíduo influencia sua maneira de se comunicar e se expressar, assim, teoricamente aprender sobre a cultura de um povo facilitaria a comunicação e a compreensão deste.

Também no Capítulo 2, Duranti (1997) afirma que cultura pode ser um sistema de participação e de prática; prática passada pelo convívio, pela constante frequência e inserção; e de participação uma vez que todas as formas de expressão verbal possuem um caráter social, coletivo e participativo. Partindo dessa visão, pode-se entender que a língua possui um papel fundamental uma vez que poder falar um idioma é poder participar e compartilhar ideias dentro de uma comunidade que é muito maior do que um único indivíduo falante. Logo, para que o aluno pudesse exercer seu papel de comunicador de maneira eficaz, seria ideal dentro da graduação propor o estudo de cada cultura dos países falantes de uma das três línguas principais do curso de LEA-MSI, no entanto devido a abrangência das línguas faladas em culturas diversas seria inviável a concretização deste ideal.

Ao analisar o currículo do curso, as disciplinas que trabalham com a temática cultura são (1) Civilização Francesa, (2) Civilização de Expressão Francesa, (3) Cultura e instituições Britânicas, (4) Língua Espanhola 9, (5) Língua Espanhola 10 e (6) Cultura e Instituições Norte Americanas. Tais disciplinas são ministradas conforme as ementas dispostas no currículo do curso. Devido à amplitude de conteúdo da ementa de cada disciplina, e tendo em vista que a universidade preconiza a autonomia do professor, a matéria dada na disciplina é de caráter seletivo, cabendo ao docente decidir o que é mais pertinente dentro do gigantesco conteúdo, o que será pertinente ao futuro profissional.

Assim, a introdução, na graduação em LEA-MSI, de conceitos aplicados pelos estudos da Comunicação Intercultural seria uma semente acrescida ao currículo, contribuindo para um olhar mais apurado sobre as diferenças culturais que estamos sujeitos a enfrentar devido à alta globalização que estamos vivendo.



As inter-relações e os choques entre culturas sempre existiram, no entanto, é fundamental que seja oportunizado ao estudante do LEA MSI um espaço de diálogo, interpretação e crítica no que concerne a sua sensibilidade cultural à percepção do próximo, ou seja, a percepção de que o outro tem sobre a mensagem repassada, uma vez que a interpretação será elaborada de acordo com os filtros culturais e pessoais do receptor (PENTEADO, 1964). Penteado ainda afirma que em um diálogo o receptor é o agente principal no processo de comunicação. Conforme já citado no texto, Penteado (1964, p.23) diz “Teremos de levar em consideração que, embora os homens vivam no mesmo mundo, pensam e sentem em mundos diferentes, pessoais e individuais”.

Essa introdução poderia ser feita através de uma disciplina ministrada no início do curso, 2º ou 3º semestre, e que abordasse a origem da Comunicação Intercultural no seu surgimento durante os anos 40 e suas competências necessárias que, segundo Chen (apud Jandt 2012), existem quatro áreas de habilidades as quais o comunicador intercultural de sucesso deve ter: força de personalidade, habilidade de comunicação, ajustamento psicológico e consciência cultural. Além das competências, existem também as barreiras possivelmente enfrentadas e segundo Barna (apud Eadie, 2009) são elas: ansiedade, presumindo similaridade ao invés de diferença, etnocentrismo, estereótipos e preconceitos, má interpretação não verbal e a língua.

Na comunicação as barreiras enfrentadas são pessoais, ou seja, cabe a cada indivíduo perpassá-las, pois o nível de ansiedade varia de pessoa a pessoa. Portanto é imprescindível o reconhecimento destas barreiras e discutir a melhor forma de amenizá-las. Assim, é possível por meio de matérias relacionadas à disciplina de Comunicação Intercultural apresentar ao aluno as habilidades que existem e que poderão ser desenvolvidas podendo amenizar estas barreiras. Para além do curso ofertado, é essencial na graduação, propiciar ao aluno a compreensão das competências que ele deverá se desenvolver para ter êxito numa comunicação intercultural, além das barreiras que ele possivelmente terá que enfrentar.

Para a ampliação curricular do LEA, para além da disciplina a ser ofertada em Comunicação Intercultural, seria interessante também redirecionar o olhar para as Atividades Complementares de cunho intercultural, e propor no currículo, no âmbito do Módulo Livre, atividades extensionistas internacionais. A mobilidade estudantil

internacional favorece a troca cultural e aumenta a percepção cultural e pessoal do estudante. Além da comunicação intercultural a interpretação, a análise e a crítica do conceito de cultura sob os diversos olhares e o que é comunicação são fundamentais, uma vez que a comunicação intercultural perpassa a comunicação entre culturas, assim nada mais importante do que entender como cada um desses termos possa ser definido e como eles se relacionam. Autores como Denys Cuiche, Alessandro Duranti, Larry L. Barker e J.R Whitaker Penteado possuem obras importantes que poderiam guiar essa possível disciplina.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**: Fundación Galileo, 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

BARBALHO, Alexandre. **Políticas Culturais no Brasil: Identidade e Diversidade sem diferença**. Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2007.

BARKER, Larry L. Communication. 4<sup>o</sup> ed. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, 1987.

CARNEIRO, Julia Dias. Cai entrada de imigrantes no Brasil, aponta pesquisa. BBC Brasil, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151201\\_imigracao\\_brasil\\_jc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151201_imigracao_brasil_jc)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em 1 jul. 2016.

CANTORE, Giovanna; QUAPPE, Stephanie. What is Cultural Awareness, anyway? How do I build it?. Disponível em: <<http://www.culturocity.com/articles/whatisculturalawareness.htm>>. Acesso em: 30 maio 2016.

CHEN, Guo-Ming; DAI, Xiaodong. **Intercultural Communication Competence: Conceptualization and its Development in Cultural Contexts and Interactions**. Cambridge Scholars Publishing, 2014.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro, Bauru: EDUSC, 1999, p.09-68.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Antropology**. Cambridge University Press, 1997. Cap. 2, p. 23-48.

EADIE, William F. **21st Century Communication: A Reference Handbook**. SAGE Publications, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura : uma introdução**. Terry Eagleton; tradução Waltensir Outra ; [revisão da tradução João Azenha Jr\_]. 6º ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HALL, Edward T. *The Silent Language*, 1959.

JANDT, Fred E. **An Introduction to Intercultural Communication: Identities in a Global Community**. SAGE Publications, 2002.

\_\_\_\_\_, **Introduction to Intercultural Communication: Identities in a Global Community**, SAGE Publications, 2007.

KOLODY, Helena. "**Pássaros Libertos**", Curitiba, 1985.

MARTIN, Judith; NAKAYAMA, Thomas. **Intercultural communication in contexts**, 5º ed. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 2010

PENTEADO, J.R Whitaker. **A técnica da comunicação humana**. Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios, São Paulo. 1964.

ROGERS, Everett M.; HART, William B.; MIIKE, Yoshitaka; Edward T. **Hall and The History of Intercultural Communication: The United States and Japan**, Keio Communication Review, n. 24, 2002.

SHAN, Bo. *La communication interculturelle : ses fondements, les obstacles à son développement*, Communication et organisation, 2004. Disponível em : <<http://communicationorganisation.revues.org/2928>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **DICIONÁRIO de Conceitos Históricos** – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009, p.85.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000.